



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

## O rádio no romance *A Peste* de Albert Camus<sup>1</sup>

Autora: Doris Fagundes Haussen<sup>2</sup>

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### Resumo

*A Peste*, romance de Albert Camus, aborda a presença do vírus da peste bubônica em Oran, na Argélia, nos anos 40 do século XX, o que determinou o fechamento da cidade, período em que o rádio era um dos principais veículos de comunicação. Este artigo busca verificar a presença do rádio no enredo, e como foi imaginado pelo autor. Para fins de análise, no texto completo, analisa-se os dez momentos em que o veículo é abordado e onde se percebe, com clareza, as etapas da doença vivida pela sociedade local. Após, analisa-se o significado da presença do rádio na ficção criada pelo autor. O conceito de imaginário é central na análise, com a fundamentação teórica nos autores Morin (1984), Silva (2003), Rivera (1987), Beauvoir (1982), entre outros.

**Palavras-chave:** rádio; romance; imaginário; vírus.

### Introdução

Aproximações entre rádio e literatura constataam que, ao longo do século XX o rádio registrou, através de suas ondas, a história de países e continentes, tendo sido testemunha de fatos marcantes nessa trajetória da humanidade. A literatura, por sua vez, com o surgimento do veículo teve seu conceito ampliado, não se resumindo mais às páginas impressas dos livros, adquirindo, assim, “uma outra função social” (Fadul in

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Sonora integrante do AlcarSul8 – 8º Encontro Regional Sul de História da Mídia

<sup>2</sup> Professora Doutora Titular aposentada, associada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Pesquisadora do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.



### Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Averbuck, 1984, pg. 156). Por seu lado, os escritores ao darem forma às suas ficções, utilizam-se, muitas vezes, de dados concretos da realidade para conferir sentido aos enredos criados. Ao fazê-lo, buscam no imaginário próprio ou no social, material para as suas construções. O imaginário, portanto, é a base dessas criações literárias. Neste sentido, Morin (1984) considera que o imaginário não só delinea o possível e o realizável, "mas cria mundos impossíveis e fantásticos" (MORIN, 1984, pg. 81).

Por sua vez, Silva (2003) lembra que "no imaginário, nunca há verdade, pois nele tudo é invenção, narrativa, seleção, bricolagem, modo de ser no mundo. No imaginário, em consequência, não há verdadeiro nem falso. Como num romance, todos os enredos são possíveis e legítimos" (SILVA, 2003, pg. 50). Para o autor,

Os melhores cartógrafos de imaginários são os escritores, os romancistas, os cronistas do cotidiano e os repórteres. Todos aqueles que procuram captar os flagrantes do vivido, livres da obsessão explicativa, impulsionados pelo vírus da empatia, da compreensão, da descrição, da fotografia. O imaginário é sempre irreduzível. Não se reduz ao utilitário, ao explicável, ao ideológico, à crença, à razão, ao científico, ao cognitivo, à cultura (...) Pelo imaginário, cada um faz da sua vida uma obra de arte. O autor, no caso, cria, involuntariamente, seus próprios parâmetros, seu público, seu cânone e a sua forma de narrar" (SILVA, 2003, pg.51).

A escritora Simone de Beauvoir (1982), por sua vez, ao refletir sobre a produção do escritor lembra que

"Quer se trate de um romance, de uma autobiografia, de um ensaio, de uma obra de história, ou do que quer que seja, o escritor procura estabelecer uma comunicação com os outros a partir da singularidade de sua experiência vivida; sua obra deve manifestar sua existência e trazer sua marca: e esta, ele a imprime através de seu estilo, seu tom, o ritmo de sua narrativa. Nenhum gênero é, *a priori*, privilegiado ou condenado. A obra – se é uma realização – define-se, de toda maneira, como um universal singular, existindo sob a forma de imaginário" (BEAUVOIR, 1982, pg. 128)



### Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Neste sentido, *Camus*, ao escrever *A Peste*, utiliza-se tanto de fatos reais quanto ficcionais para construir o conteúdo do romance, mas sempre, de alguma, forma, permeado pelos imaginários circulantes. E esta característica é levada em conta quando analisamos o romance em si e no que se refere ao rádio citado na obra. Ao incluir o rádio em seus enredo, o autor reconhece a importância do veículo e a força do mesmo sobre os imaginários de então. Ao mesmo tempo, envolve o leitor na sua trama ficcional, mexendo com a circulação entre o imaginário e o real e auxiliando, ainda, no reforço e na construção de novos imaginários.

#### Considerações

No romance, não há uma determinação clara, mas abrangente, quando o autor se refere ao rádio. Desta forma, analisando-se as dez citações sobre o veículo, nota-se que quando *Camus* fala do rádio significa estar tratando das emissoras em geral da cidade. Observa-se, então, que o veículo aparece, principalmente, como informativo e prestador de serviços. A população informa-se através do rádio e dos jornais e estes cumprem o seu papel durante a epidemia. Do total das citações, duas referem-se à prestação de serviços, e ambas remetem à atuação da Agência oficial que envia os dados à imprensa. Nas sete referências ao rádio informativo, uma delas trata da manipulação de dados, quando ao invés de se divulgar os números de mortes por semana resolve-se apresentar por dia, para dar a sensação, para a população, de um número menos impactante. Por fim, há uma citação que se refere à solidariedade dos ouvintes globais que enviam mensagens aos habitantes da cidade. O fato revela que as emissoras transmitem em ondas curtas também.

*A Peste*, de *Camus*, traz, ainda, um poderoso componente que o torna atual até hoje: ao tratar de um tema da realidade sanitária e social, como a epidemia de cólera, embora de maneira ficcional, a sensibilidade do autor na abordagem mostra que os vírus podem mudar, mas o comportamento humano ao encará-los continua praticamente o mesmo. Para construir a trama do romance *Camus* utiliza fortemente a presença do rádio,



### Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

caracterizando o grave momento vivido e, ao fazê-lo, mostra a importância do veículo naqueles anos da primeira metade do século XX, e traça, ainda, um recorte histórico significativo da sociedade à época.

#### Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. (1982). **Balanço Final**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

CAMUS, Albert. **A peste**. Rio de Janeiro, Record, s/d, 2ª ed. (1947, 1ª ed)

FADUL, Anamaria. Literatura, radio e sociedade: algumas anotações sobre a cultura na América Latina. In AVERBUCK, Ligia. (org.). **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo, Nobel, 1984.

HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio e imaginário na obra de Erico Verissimo: uma análise de Incidente em Antares. In **Revista Logos: Comunicação e Universidade**, vol.18, nº 2, p.96-106. Rio de Janeiro, Eduerj, 2011.

----- (1998), O poder de mobilização do rádio. In MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e Pânico. A Guerra dos Mundos 60 anos depois**. Florianópolis, Ed. Insular, 1988, p. 81-88.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo - 1. Neurose**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1984, 6ª ed.

RIVERA, Jorge. Los avatares de una vieja pasión nacional: radio y teleteatro. In FORD, Aníbal, RIVERA, Jorge y ROMANO, Roberto. **Medios de Comunicación y Cultura Popular**. Buenos Aires, Editorial Legasa, 1987.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2003.